



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Cintia Kath Blank

**A BUSCA DE INFORMAÇÕES POR ADOLESCENTES DE
BAIXA RENDA: UM ESTUDO SOB A ÓTICA DA
COMPETÊNCIA INFORMACIONAL**

Artigo desenvolvido na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, como requisito parcial para a conclusão do curso de Bacharelado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande.

Orientadora: Prof^a. Msc. Renata Braz Gonçalves

**Rio Grande
2010**

A BUSCA DE INFORMAÇÕES POR ADOLESCENTES DE BAIXA RENDA: UM ESTUDO SOB A ÓTICA DA COMPETÊNCIA INFORMACIONAL

Cintia Kath Blank ¹

RESUMO

Diversas transformações ocorridas na sociedade fizeram surgir novas necessidades de informação a serem satisfeitas. Neste contexto, surgiu o movimento da Competência Informacional que possui como preocupação central o desenvolvimento de capacidades ligadas à interação permanente dos indivíduos com informações. Assim, este trabalho de natureza qualitativa tem como objetivo geral averiguar, utilizando-se o enfoque da competência informacional, como os adolescentes que se encontram em situação de baixa renda efetuam suas buscas informacionais, seja para pesquisas escolares ou necessidades cotidianas de informação. A coleta dos dados deu-se por meio de um questionário constituído por dez questões aplicado a nove estudantes do Centro de Convívio Meninos do Mar (CCMar). Para a análise dos dados utilizou-se a Teoria do Processo de Busca da Informação (ISP) de autoria de Carol Kuhlthau. Encontrou-se como principal resultado a predominância de sentimentos positivos tanto no início do processo de busca da informação quanto no seu final. Observou-se que os estudantes consideram que a prática da pesquisa proporciona aprendizado, contudo indicaram que nem sempre conseguem aplicar em seu cotidiano o que foi aprendido. Constatou-se que a Internet é utilizada pela maioria dos entrevistados como única fonte de consulta, ainda que os adolescentes não tenham demonstrado seguir algum critério para a análise das fontes. De fato, evidenciou-se que os jovens não possuem esclarecimento sobre o que seja pesquisar e que não se sentem estimulados a expor suas opiniões nos trabalhos escolares. Os resultados obtidos apontam que é necessário desenvolver capacidades que tornem o jovem competente informacionalmente.

Palavras-chave: Competência informacional. *Information literacy*. Teoria ISP. Adolescentes

1 INTRODUÇÃO

Diversas transformações sociais acarretaram no surgimento de novas necessidades a serem satisfeitas, principalmente quando vinculadas ao ambiente informacional. Assim surgiu em 1974 o termo *Information Literacy*, de origem norte-americana (DUDZIAK, 2001), e que no Brasil foi traduzido como Competência Informacional (CAMPELLO, 2002). Este conceito encontra-se em fase de consolidação em nosso país. No entanto, nota-se como principal objetivo a questão do desenvolvimento de capacidades ligadas à compreensão e à interação permanente com informações, de modo a proporcionar um aprendizado independente e ao

¹ Acadêmica do oitavo semestre do curso de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Humanas e da Informação- ICHI, Universidade Federal do Rio Grande-FURG. E-mail: cintiadabiblio@gmail.com

longo da vida. A competência informacional possui como um de seus objetivos “formar indivíduos que saibam determinar a natureza e a extensão de sua necessidade de informação como suporte a um processo inteligente de decisão” (DUDZIAK, 2003, p.28).

Dessa forma, a Competência Informacional insere-se em um contexto onde se necessita de pessoas eficientes para trabalhar com estoques ilimitados de fontes informacionais, seus processos de busca e filtragem, a gestão da informação, e inclusive, a correta apropriação e disseminação destes conteúdos.

Neste âmbito, este trabalho procurou verificar como os adolescentes que se encontram em situação de baixa renda (IBGE, 2004) efetuam suas buscas informacionais, seja para pesquisas escolares ou necessidades cotidianas de informação. Para tanto, fez-se relevante identificar algumas especificidades, como: passos percorridos pelo adolescente na realização de pesquisas escolares; opiniões e sentimentos dos estudantes em relação à pesquisa escolar; e seu posicionamento frente a problemas hipotéticos da vida cotidiana que envolvam a busca, o uso e a interpretação de informações.

Considera-se que a realização deste trabalho poderá ajudar a diminuir uma lacuna na produção científica brasileira, na qual se observam duas principais evidências: defasagem no Brasil de trabalhos em torno da temática competência informacional, que demonstra a necessidade de estudos acerca do assunto (CAMPELLO, 2009a); menor atenção dada ao comportamento informacional de adolescentes na vida cotidiana, pois, observa-se um número menor de estudos relacionados a buscas de informações sobre preocupações diárias na vida dos jovens, como o uso de drogas, saúde, profissões e desemprego (FIALHO; ANDRADE, 2007).

2 COMPETÊNCIA INFORMACIONAL: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA

O termo competência informacional / *information literacy* foi definido de maneira distinta por diferentes autores segundo suas abordagens, contudo, para a construção deste trabalho, será adotada a definição proposta por Elisabeth Dudziak, que conceitua competência informacional como:

o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida (DUDZIAK, 2001, p.143).

A autora ainda estabelece características que integram desde habilidades até valores, considerando a competência informacional como “transdisciplinar, [incorpora] um conjunto interligado de habilidades, conhecimentos, valores pessoais e sociais; permeia qualquer processo de criação, resolução de problemas e/ou tomada de decisões” (DUDZIAK, 2003, p.29).

A expressão *information literacy* surgiu pela primeira vez na literatura mundial em 1974, nos Estados Unidos, mencionada por Paul Zurkowsky em um relatório intitulado “*The information service environment relationships and priorities*” (DUDZIAK, 2001). De acordo com Dudziak, neste relatório, Zurkowsky alertava o governo norte-americano para a necessidade de se desenvolver na população competência informacional que permitisse aos cidadãos o desenvolvimento de habilidades para o uso de recursos informacionais. Antevendo um cenário de transformações sociais ocasionadas pelo uso intensivo de informações, Zurkowsky lançou a ideia da *information literacy* intrinsecamente ligada a concepção de sociedade da informação que possuímos hoje.

Segundo Dudziak (2003), os anos que se sucederam ao “*The information service environment relationships and priorities*” enfocaram inicialmente as novas tecnologias de informação, colocando o foco principalmente nos recursos computacionais. No final da década de 1980, porém, uma ênfase especial foi dada aos aspectos educacionais, assim como se iniciou neste momento as discussões sobre a aproximação entre professores e bibliotecários para promover o aprendizado no meio escolar.

Os anos de 1990 foram importantes para a divulgação dos conceitos norteadores da competência informacional. Foi a partir deste período que diversos instrumentos surgiram para apoiar o ideal de competência informacional:

- Institute for information literacy of American Library Association (ALA-ACRL) - oferece um programa para treinamento e capacitação de bibliotecários a fim de torná-los agentes multiplicadores da competência informacional;
- Bibliographic instructions and information literacy - anuário publicado pela Cleveland State University Library de Ohio, EUA;

- Library Instruction Round Table (LIRT) - promove a disseminação sobre competência informacional fornecendo textos, tutoriais e promovendo eventos na área; e,
- United Nations Literacy Decade (UNLD) (2003-2012) – órgão veiculado à UNESCO e que possui como objetivo disseminar os conceitos da competência informacional principalmente em países em desenvolvimento.

Já a década de 2000 foi marcada pelo desenvolvimento de uma consciência coletiva em relação aos estudos em torno da competência informacional. Um reflexo desta nova visão observa-se principalmente em documentos como a Declaração de Alexandria sobre competência informacional (INTERNATIONAL..., 2010), mas também se pode observar na afirmação de Vitorino e Piantola (2009, p. 138):

os pesquisadores [...] estão desenvolvendo uma consciência coletiva [...] em torno da competência informacional, o que nos parecem sinais promissores que fazem emergir o papel social da competência informacional como um caminho essencial na construção e manutenção de uma sociedade livre, verdadeiramente democrática, em que os indivíduos fariam escolhas mais conscientes e seriam capazes de determinar o curso de suas vidas.

Assim, nota-se que diversas dimensões sobre a temática competência informacional vêm surgindo com o avanço dos anos. Observa-se também que diversos enfoques e variados órgãos tem apoiado a evolução e a disseminação de conceitos sobre competência informacional na sociedade. Esta perspectiva parece-nos indicar que cada vez mais os aspectos relacionados à competência informacional têm avançado nos domínios da biblioteconomia, área do conhecimento em que surgiu, e encaminhando-se para uma variação de abordagens, ratificando sua dimensão social.

2.1 A competência informacional no Brasil

Segundo Campello (2009b), no Brasil a produção bibliográfica encontra-se ainda em fase inicial. Conforme a própria autora (CAMPELLO, 2003), o termo foi mencionado pela primeira vez em 2000 por Caregnato no contexto das bibliotecas universitárias. No entanto, a tradução da expressão *Information Literacy* como Competência Informacional somente surge na literatura em 2002, citada por ela mesma no livro “Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica”.

Como prova de que ainda se encontra em construção o termo *Information Literacy* no

Brasil, bem como o desenvolvimento do conceito aplicável ao contexto do país, observa-se em diversos estudos brasileiros terminologias diferenciadas, mas com conceitos semelhantes, por exemplo: alfabetização informacional, letramento informacional, literacia e competência informacional. Dudziak (2001, p.57) sugere a utilização do termo “Competência Informacional” como sendo o mais adequado em virtude dos objetivos do movimento e do próprio conceito da palavra “competência”.

Contudo, ainda que em fase de construção, encontra-se no cenário nacional um número considerável de trabalhos tratando da temática competência informacional, em sua maioria abordando revisões de literatura e estudos de cunho prático (VITORINO, 2007). Dos quais se pode destacar como principais autoras que Elisabeth Dudziak, Bernadete Campello e Regina Belluzzo.

Elisabeth Dudziak (2001, 2003, 2008) fez um apanhado histórico internacional do surgimento da expressão Information Literacy. Em sua dissertação, defendida em 2001, a autora apresenta os precursores e a evolução do tema, as diversas abordagens conceituais e procura sugerir um conceito de Competência Informacional. Atualmente possui um blog denominado Competência Informacional para Bibliotecários que possui como objetivo “disseminar o conceito e as práticas educacionais voltadas à promoção da competência em informação” (COMPETÊNCIA, 2010).

Bernadete Campello (2002, 2003, 2005, 2006, 2009a, 2009b), professora de renome na área biblioteconômica, trabalha concomitantemente com o conceito de competência informacional e letramento, atuando principalmente no ambiente escolar. Foi a autora que primeiro fez uso da expressão competência informacional como tradução para Information Literacy (CAMPELLO, 2002), sendo também autora de um livro sobre a temática (CAMPELLO, 2009a).

Regina Belluzzo (2004, 2004a, 2006, 2009) também possui extensa produção na área da competência informacional, onde aborda além dos aspectos conceituais da competência em informação, questões relativas à formação continuada de professores e bibliotecários. Em seus estudos, trata das necessidades a serem desenvolvidas, em professores e bibliotecários, competências para trabalharem com a informação, visto que são tanto usuários de informação como geradores de conhecimento.

Obviamente não seria possível elencar todos os profissionais e/ou pesquisadores que

de alguma forma contribuem com a disseminação de conceitos e o desenvolvimento de práticas norteadas pela competência informacional. Procurou-se, no entanto, demonstrar que já existe uma sensibilização por parte dos profissionais brasileiros ligados a informação de que é necessário prosseguir com os trabalhos sobre a temática. Percebeu-se nesta revisão bibliográfica que em diversos países os conceitos de competência informacional já se encontram consolidados e que o Brasil caminha para a afirmação da importância de desenvolver competência nas pessoas para se trabalhar com informação.

2.2 Estudos e pesquisas

O desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre competência informacional teve início com os estudos de usuários, mais especificamente “aqueles que buscavam entender o processo de aprendizagem baseada na busca e no uso de informações” (CAMPELLO, 2006, p.68).

Dudziak (2001) destaca a influência da pesquisadora Carol C. Kuhlthau nos estudos sobre competência informacional. Kuhlthau desenvolveu em 1987 o conceito de *information literacy education*, ou seja, a educação voltada para competência em informação. Segundo Dudziak (2001, p. 29), “Kuhlthau amplia o conceito de *information literacy*, desfazendo a noção corrente na época de que as habilidades informacionais se restringiam à biblioteca e aos materiais científicos bibliográficos. O foco estava no aprendizado”. Reforçando a importância de Carol Kuhlthau nos estudos relativos à competência informacional, Campello afirma que “os estudos de Kuhlthau tiveram início em meados da década de 1980 e até hoje vêm influenciando significativamente pesquisas posteriores em diversos países” (CAMPELLO, 2009b, p.75).

Outros autores também contribuíram com o assunto apresentando diferentes concepções. Campello (2009) destaca na década de 1990 as autoras Christina Doyle e Christine Bruce.

Em 1992 Doyle, amparada no modelo de educação americana e utilizando a técnica Delfi, elencou uma série de atributos pessoais como necessários para se considerar uma pessoa competente para lidar com informação:

- Reconhecer a necessidade de informação;

- Reconhecer que a informação precisa e completa é a base para a tomada de decisão inteligente;
- Identificar fontes de informação em potencial;
- Desenvolver estratégias de busca bem-sucedidas;
- Acessar recursos de informação, incluindo computadores e outras tecnologias;
- Avaliar a informação;
- Organizar a informação para aplicação prática;
- Integrar novas informações ao conhecimento já existente; e,
- Usar a informação no pensamento crítico e resolução de problemas (LINS, p.30).

Já em 1997, Christine Bruce, utilizou-se da fenomenografia para estudar a *Information Literacy*. Neste trabalho, Bruce considera que o mais importante é considerar as diferentes relações entre os usuários e a informação, ou seja, a interação entre eles (CAMPELLO, 2009b, p.76). Neste trabalho, Bruce define sete concepções de letramento informacional relacionadas com experiência em: tecnologia da informação, fontes de informação, processo de informação, controle da informação, construção do conhecimento, extensão do conhecimento e sabedoria.

Observando-se os autores citados, percebe-se uma variada gama de aspectos que a competência informacional trabalha. Nota-se que os estudos e pesquisas vêm trabalhando sob diversos paradigmas e em contextos diferenciados, o que enriquece a temática e amplia sua aplicação prática na sociedade.

2.3 Desenvolvimento de modelos e documentos normativos

Paralelamente às pesquisas acadêmicas, foram sendo desenvolvidos instrumentos que visavam a aplicação prática do conceito de *Information Literacy*. Um importante modelo que buscou estruturar a aprendizagem durante o processo da busca é *The Big Six*, de autoria dos bibliotecários Mike Eisenberg e Bob Berkowitz em 1987. Nesta perspectiva os autores acreditam que a competência informacional funciona como andaime metacognitivo, onde são elencadas seis etapas para a busca da informação: definição da tarefa, estratégias de busca de informação, localização e acesso, uso de informação, síntese e avaliação (CAMPELLO, 2006, 2009b).

Um outro modelo amplamente divulgado é o *Information Power*, da American Association of School Librarians desenvolvido em 1998, onde são definidas nove normas divididas em três seguimentos: competência informacional, aprendizagem independente e responsabilidade social. O sucesso deste documento talvez se justifique com a afirmação de Campello (2003, p.31) “o Information Power pode ser considerado o documento que concretiza a assimilação do conceito de competência informacional pela classe bibliotecária”.

Lins (2007) ainda cita que neste mesmo período um importante documento surgiu: o relatório “*Presential Committe on Information Literacy: Final Report*” da American Library Association (ALA), de 1989. Neste documento é destacada a importância para os indivíduos em geral terem competência informacional, contudo, as recomendações se restringem a sugerirem uma re-estruturação curricular, na qual a biblioteca e a sala de aula se aproximem mais.

Uma demonstração do desenvolvimento da competência informacional rumo a uma consciência coletiva nota-se na *Declaração de Alexandria sobre competência informacional e aprendizado ao longo da vida*. Este documento, elaborado em 2005, objetiva destacar os conceitos de comunidade, democracia e justiça social inseridos no discurso da competência informacional, já que “a competência informacional está no cerne do aprendizado ao longo da vida. [...] Prepara os indivíduos [...], auxilia-os e suas instituições a enfrentar os desafios tecnológicos, econômicos e sociais, para reverter a desvantagem e incrementar o bem-estar de todos” (INTERNATIONAL..., 2010).

Assim, verifica-se que existe no exterior, principalmente nos Estado Unidos, uma mobilização da classe bibliotecária para a elaboração de diretrizes que venham a auxiliar o desenvolvimento de estratégias que viabilizem a implementação da competência informacional em programas com objetivos bem definidos e visão de longo prazo.

3 A BUSCA DA INFORMAÇÃO COMO PROCESSO: TEORIA ISP

A presente pesquisa adotou uma abordagem centrada no modelo Information Search Process (ISP), de autoria da bibliotecária norte-americana Carol Kuhlthau e publicado no ano de 1996. As pesquisas de Kuhlthau desenvolveram-se analisando o comportamento de alunos

do ensino médio durante o processo de busca da informação assim como a interferência dos sentimentos das pessoas durante a realização de pesquisas. Segundo Campello:

[...] esses estudos fundamentaram-se em teorias da aprendizagem [...] que auxiliam no entendimento dos aspectos afetivos envolvidos, bem como na compreensão da maneira como são construídos os conhecimentos, por meio de um processo ativo e complexo de reconstrução de conhecimentos anteriores (2006, p.179).

Dessa forma, através de uma série de estudos, surgiu a Teoria ISP (KUHLLTHAU, 2010) composta pelos seguintes estágios:

- Início do trabalho: pensar sobre a tarefa e identificar possíveis tópicos para pesquisar, sentimento de incerteza;
- Seleção do assunto: escolher um tópico para explorar, sentimento de otimismo;
- Exploração das informações: perceber inconsistências nas informações, sentimento de confusão;
- Definição do foco: formar uma perspectiva focalizada a partir da informação encontrada, sentimento de clareza;
- Coleta de informações: reunir e documentar informações relacionadas ao foco, sentimento de confiança;
- Apresentação dos resultados: apresentação dos resultados encontrados para a comunidade de aprendizes, sentimento de satisfação ou desapontamento; e,
- Avaliação: momento para refletir sobre o processo e o conteúdo da aprendizagem.

Segundo Campello (2005, p. 180), Kuhlthau notou em seus estudos que os alunos passavam diretamente do estágio de seleção do assunto imediatamente ao estágio de coleta de informações, saltando os estágios de exploração das informações e definição do foco. Segundo as autoras, os momentos de exploração do tema e formulação da questão são importantes, pois permitem desenvolverem estratégias de pesquisa adequadas com o tema central e definir o foco do trabalho, que vem a orientar o seguinte estágio: a coleta de informações.

Outra descoberta importante dos estudos de Kuhlthau foi perceber que a mediação dos professores e bibliotecários durante o desenvolvimento de pesquisas é essencial, pois os sistemas de informação não são capazes por si só de resolver questões que venham a surgir

durante o processo de busca da informação (CAMPELLO, 2005, p.181).

4 A ADOLESCÊNCIA E O ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE BAIXA RENDA

Quanto ao período denominado adolescência, Aberastrury e Knobel (2008, p.89) indicam que para as meninas adolescentes esta fase perdura dos 12 aos 21 anos aproximadamente, enquanto que para o sexo masculino a adolescência surge por volta dos 14 anos e seu término chega aos 25 anos.

Porém, sabe-se que o contexto social possui grande influência no desenvolvimento pessoal dos adolescentes. Experiências anteriores, contexto sócio-histórico e econômico exercem significativa influência neste adulto em desenvolvimento. Santrock indica que dificuldades financeiras podem ter reflexos na formação pessoal do jovem:

[...] alguns adolescentes são flexíveis e enfrentam os desafios da pobreza sem maiores reveses, mas uma quantidade excessiva luta sem êxito. Cada criança da pobreza que alcança a vida adulta doente, sem habilidades especiais ou alienada impede que seu país seja tão competente e produtivo quanto pode ser (SANTROCK, 2003, p.182).

Além disso, o autor também afirma que quando a situação de pobreza é persistente e antiga, este fator produz efeitos particularmente perniciosos no desenvolvimento de crianças e adolescentes, chegando a afirmar que “crianças em famílias experimentando pobreza tanto persistente quanto ocasional tinham QI's mais baixos e problemas de comportamento mais interiorizados do que as crianças que nunca eram pobres” (SANTROCK, 2003, p.184).

Assim, torna-se evidente a necessidade de se dar maior atenção a crianças e adolescentes que se encontram em situação econômica de baixa renda, auxiliando no desenvolvimento de capacidades ligadas à cognição e competências quanto ao uso da informação. Isto não somente como apoio a atividades escolares, mas, principalmente, como aporte a seu desenvolvimento, ampliando a capacidade do aprendizado independente e ao longo da vida, visão crítica e prática sobre conteúdos informacionais e suas aplicações na sociedade.

5 METODOLOGIA E COLETA DOS DADOS

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, em nível exploratório (GIL, 2008). Optou-se pelo uso do questionário como instrumento para coleta de dados, pois segundo Santrock (2003, p.35) um dos métodos mais eficientes para se pesquisar adolescentes é fazendo perguntas, e a maneira mais comum é através da utilização de questionários.

O questionário aplicado (APÊNDICE A) possui sete questões (abertas e de escolha múltipla), acerca da busca, uso e análise de informações para a realização de pesquisas escolares, além de três problemas que traziam situações hipotéticas ligadas à vida cotidiana do jovem como: doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, drogas e confecção de documentos pessoais, objetivando analisar seu posicionamento frente a necessidades informacionais. Também se pretendeu neste questionário, avaliar se o adolescente possui ou expõe uma visão crítica sobre o ato da pesquisa e a assimilação de novas informações.

Para a elaboração das questões que fizeram parte do instrumento de coleta de dados utilizou-se como modelo os questionários de Nascimento e Beraquet (2009) e Campello (2004), ambos aplicados a estudantes de nível superior, norteando as questões segundo a teoria ISP de Carol Kuhlthau (2010). Ressalta-se, porém, que modificações foram feitas para atender a faixa etária foco desta pesquisa, tais como diminuição da quantidade de questões, simplificação dos enunciados e aplicabilidade a situações da vida cotidiana dos jovens. Também foram consultados os trabalhos de Fialho (2004, 2007, 2009) para a elaboração da metodologia, únicos estudos brasileiros recuperados que abordam simultaneamente os temas adolescência e competência informacional.

O questionário utilizado para a coleta dos dados foi aplicado a nove adolescentes com faixa etária variando de 14 a 17 anos, compondo-se por duas adolescentes do sexo feminino e sete jovens do sexo masculino. O preenchimento do questionário deu-se na própria sala de aula dos estudantes, sendo uma turma do curso de Informática, selecionada pela coordenadora pedagógica do local para ser aplicado o questionário. Para a apresentação dos resultados foram adotadas iniciais fictícias para identificação dos respondentes na transcrição dos depoimentos, acompanhadas, no entanto, da idade real dos inquiridos.

Optou-se como local para se aplicar os questionários, o Centro de Convívio Meninos do Mar (CCMar) da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, principalmente porque

neste local são atendidos jovens comprovadamente de baixa renda, foco deste estudo, e também por ser um local que além das aulas profissionalizantes oferece opções de lazer e cultura, ou seja, os jovens em questão possuem contato com diferentes formas de informação e comunicação. Segundo informações disponíveis no site, o projeto CCMar possui como alguns de seus objetivos:

Atender aos jovens em situação de vulnerabilidade sócio-econômico-ambiental da cidade do Rio Grande, principalmente aqueles provenientes de comunidades carentes, no sentido de motivar uma transformação que os encaminhe a uma participação social, solidária e fraterna; [...]

Contribuir para o pleno desenvolvimento das competências pessoal, social, produtiva e cognitiva, dos jovens, através de um processo de formação integral [...]. (UNIVERSIDADE..., 2010)

A análise dos dados foi baseada também na Teoria do Processo de Busca da Informação (ISP – Information Search Process), pois segundo Nascimento e Beraquet (2009, p. 9), "buscando uma relação entre o modelo de Kuhlthau e a competência informacional, pôde-se observar que todas as etapas do modelo proposto correspondem aos objetivos da competência informacional". Dessa forma, acredita-se que a Teoria do Processo de Busca da Informação atende aos requisitos necessários para responder aos objetivos deste trabalho, "pois além de explorar as atitudes dos estudantes, avança na compreensão das dimensões cognitivas e afetivas dos adolescentes no processo de busca e uso da informação" (FIALHO; ANDRADE, 2007, p.26). A seguir serão apresentados os dados coletados a partir da aplicação do questionário, e que foram analisados e organizados a partir da teoria ISP.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

6.1 Início do trabalho

O primeiro estágio apontado por Carol Kuhlthau na Teoria ISP é o *Início do trabalho*. Para compreendermos como o jovem pensa o ato de pesquisar, iniciou-se o questionário indagando "o que é fazer pesquisa?". Com base nas respostas obtidas, pode-se considerar que os jovens relacionam a atividade de pesquisa a necessidade de se descobrir algo, como demonstra as respostas dos adolescentes I e H.

Porque às vezes fazendo pesquisas a gente conhece um pouco das coisas (I, 15 anos).

[Fazer pesquisa é] descobrir coisas novas sobre um certo assunto (H, 16 anos).

Também constatou-se que a maioria dos estudantes relaciona o ato de pesquisar a uma prática escolar, contudo, outros ampliaram este ponto de vista considerando que a busca de informações faz parte do cotidiano, como por exemplo, no depoimento de G.

[Fazer pesquisa] é procurar uma tarefa que seus professores li [sic] passaram ou que você faz por conta própria (G, 14 anos).

Neste mesmo estágio inicial, os sentimentos mais indicados pelos jovens entrevistados foram segurança e satisfação ao terem que fazer uma pesquisa. Resposta esta diferente do que aponta a Teoria ISP, que indica serem esperados os sentimentos de incerteza e apreensão. Isso pode indicar que a prática da pesquisa parece ser algo prazeroso para os jovens indagados, pois conforme indicado em outras respostas, os adolescentes valorizam este momento como importante para sua aprendizagem. Dessa forma, cabe ao professor e ao bibliotecário valorizar este momento para desenvolver no aluno habilidades e técnicas para trabalhar com novas informações, já que a motivação existe.

6.2 Exploração das informações / Definição do foco

O segundo estágio da Teoria ISP trata da *Seleção do assunto*, porém, este momento não será analisado, posto que os temas abordados nas pesquisas escolares são geralmente escolhidos pelo professor, havendo pouca participação do aluno nesta decisão. Dessa forma, passamos para o terceiro e quarto estágios que são a *Exploração das informações* e *Definição do foco*.

Foi solicitado no questionário para que o adolescente descrevesse os passos

percorridos por ele, desde o momento em que a pesquisa foi solicitada pelo professor até a hora da entrega, dessa maneira seria possível analisar seu comportamento frente a uma necessidade de informação. Observou-se nas respostas dadas a esta questão que, assim como Kuhlthau constatou, os estágios de exploração das informações e definição do foco não são desenvolvidos pelos estudantes. Nos dados coletados, nenhuma resposta indicou alguma atitude nos passos percorridos durante a pesquisa que remetesse as fases de exploração do tema e formulação da questão.

A última pergunta do questionário objetivava verificar como os estudantes se comportam ao percebem incompatibilidade nas informações encontradas. Para tanto, foi apresentada a seguinte situação hipotética: “você está procurando informações sobre drogas e encontra uma reportagem na Internet que diz que o crack não vicia, o que você faz?”. Neste momento, verificou-se que os jovens consideraram verdadeiro que especialistas apontam o contrário do encontrado no enunciado da pergunta e indicaram não acreditarem que o crack não cause dependência. Também constatou-se que se caso ficassem em dúvida ao deparar-se com uma informação diferente do que conhecem, continuariam pesquisando para confirmar qual informação seria a correta.

Embora possa se considerar que o assunto crack esteja sendo amplamente debatido na mídia, e que estes adolescentes já tenham alguma informação anterior sobre o tema, ainda assim pode-se levantar duas hipóteses: ou os entrevistados respeitam uma afirmação vinda de um especialista ou não confiam totalmente em informações retiradas da Internet. De qualquer maneira, conforme apontado pelos estudantes, em caso de dúvida estariam dispostos a retomar suas buscas para confirmar a hipótese inicial, interagido assim de forma mais efetiva com os sistemas de informação.

6.3 Coleta de informações

A fase de coleta de informações foi o estágio que mostrou maior presença no discurso dos adolescentes. Observou-se com os dados coletados que a Internet é utilizada de maneira predominante como única fonte para a realização de trabalhos escolares ou para sanar curiosidades pessoais. Isto aponta que não existe a percepção de que a utilização de diferentes fontes agregue qualidade em pesquisas escolares e a obtenção de pontos de vista distintos

proporcione segurança ao se coletar informações.

Segundo Kuhlthau (2010), neste estágio de desenvolvimento da pesquisa, informações gerais já não servem mais, pois passada a fase de formulação, agora seria o momento de detalhar o assunto tratado. Contudo, tanto na questão que indagava os passos percorridos durante a pesquisa quanto nas questões contendo situações hipotéticas apresentadas na segunda parte do questionário, verificou-se que vários entrevistados não possuíam como prática a análise da confiabilidade da fonte, a leitura de diferentes materiais a fim de optar pelo mais apropriado ou consulta a profissionais que pudessem auxiliar neste momento. Um exemplo desta falta de critérios para nortear sua busca por informações nota-se nos depoimentos de B:

Eu pesquiso pela Internet fasso [sic] capa e entrego (B, 16 anos).

Em questão posterior, foram apresentados dois depoimentos fictícios sobre o uso de preservativos relacionando-os com a possibilidade de adquirir uma doença sexualmente transmissível ou uma gravidez indesejada. Assim, foi solicitado ao adolescente que indicasse qual depoimento ele considerava verdadeiro: o que aconselhava o uso de preservativo para evitar a transmissão de DST's (doenças sexualmente transmissíveis), depoimento este supostamente feito por um médico, ou então outro depoimento em que menospreza a possibilidade de se contrair uma DST e afirma existir cura para a Aids, afirmação supostamente feita por um autônomo.

Nesta questão, todos os jovens indicaram o depoimento do médico, o qual aconselha o uso do preservativo e alerta para a possibilidade de transmissão de DST's. Contudo, quando solicitado para explicar porque o depoimento escolhido era verdadeiro, as respostas versavam sobre a importância em se prevenir uma gravidez não planejada ou o contágio por uma DST. Assim, constatou-se que os estudantes não conseguiram analisar a confiabilidade da fonte (por ser um depoimento proferido por um médico), tampouco citaram obter conhecimentos anteriores embasados em informações consistentes.

A penúltima pergunta trazia como indagação onde o jovem buscaria informações para confeccionar a carteira profissional. Nesta questão, um adolescente não soube responder este questionamento. Os demais indicaram que pediriam ajuda a familiares e professores,

principalmente pela razão de já terem passado por essa experiência. A Internet também foi lembrada devido sua simplicidade e rapidez em disponibilizar informações:

Buscaria informações na internet, bem mais simples e rápido (F, 17 anos).

Verifica-se, no entanto, que nesta questão houve uma mudança na seleção da fonte de informação: a Internet perdeu espaço para a experiência. Notou-se que no momento de fazer algo importante em sua vida (a confecção de um documento), a tecnologia não foi o primeiro lugar a se buscar informações. Nas respostas obtidas, não foi possível esclarecer exatamente o motivo pelo qual os jovens optaram por procurar alguém que já tenha passado pela situação, mas deve variar entre não saberem onde buscar tal informação ou em caso de encontrarem informações divergentes não saberem avaliar qual seria a correta e apropriada ao momento.

6.4 Avaliação do processo de pesquisa por parte dos estudantes

O sentimento predominante nesta fase de término do trabalho foi animação, reafirmando a possibilidade dos adolescentes gostarem de realizar pesquisas. Assim, pode-se também considerar que geralmente os resultados das pesquisas realizadas por estes jovens são positivos, seja o alívio em alcançar a nota almejada na escola, seja a satisfação em encontrar a informação que necessita.

A sensação de que realizar pesquisas contribui para sua formação pessoal foi amplamente afirmada quando indagados em questões como “aplicas na tua vida alguma coisa aprendida nas pesquisas?” e “achas importante fazer pesquisas escolares?”. Grande parte dos jovens indicaram que somente às vezes utilizam os conhecimentos adquiridos nas pesquisas escolares, mas em geral os depoimentos se mostram otimistas com a prática da pesquisa, como se pode observar:

É bom para o meu futuro ter novos conhecimentos (F, 17 anos).

Por quê[sic] as[sic] vezes tem pesquisas que nos ensinam muitas coisas (I, 15 anos).

No entanto, também houve depoimentos em que ficou clara a opinião de que as pesquisas escolares não agregavam conhecimento em suas vidas, o que nos faz refletir se esta atividade está sendo bem transmitida em sala de aula ou se os conteúdos abordados realmente tratam de temáticas relacionadas com o cotidiano do adolescente, pois segundo B (16 anos):

[Às vezes,] porque só algumas são aproveitáveis (B, 16 anos).

Para analisarmos a capacidade de análise crítica e reflexão sobre o conteúdo da aprendizagem dos adolescentes, foi indagado se nas pesquisas escolares os estudantes expõem suas opiniões. Nesta questão observou-se que a maioria dos estudantes indicou que somente às vezes emitem suas opiniões nos trabalhos entregues aos professores. Como principais justificativas para nem sempre exporem suas percepções pessoais os adolescentes indicaram que:

Às vezes se mostra necessário para melhor explicar o assunto (E, 17 anos).

Porque a pesquisa não é sobre a minha opinião (H, 16 anos).

Porque às vezes colocar a tua opinião deixa a gente mais inseguro na hora de entregar ao professor (A, 15 anos).

Os depoimentos dos estudantes H(16 anos) e A(15 anos) demonstram que expor opiniões nos trabalhos escolares não é uma prática estimulada por parte dos professores. Desenvolvida dessa forma, esta atividade de aprendizagem torna-se tão somente a descrição de um assunto solicitado, um ato mecânico de citação de informações, sem geração de conhecimento para o aluno.

Por fim, objetivando extrair do adolescente sua avaliação sobre o ato de pesquisar, perguntou-se: “Achas importante fazer pesquisas escolares?”. Neste momento, foi unânime a afirmação de ser importante a realização de pesquisas, sendo predominante a justificativa de que esta prática proporciona aprendizagem, como se vê:

Porque se aprende mais (B, 16 anos).

Consigo aprender coisas novas (F, 17 anos).

Porém, houve também respostas que indicaram preferir a atividade de realizar pesquisas a outras rotinas das aulas, por exemplo, explanação dos conteúdos ou aplicação de provas.

Porque foge um pouco da rotina de só matérias como: matemática, português, etc... (H, 16 anos).

Porque eu acho que é melhor do que fazer provas (G, 14 anos).

Com base nestas respostas, compreende-se o motivo pelo qual os jovens apontem sentimentos positivos tanto no início quanto no fim da atividade de pesquisa. Nota-se que para estes adolescentes questionados, fazer uma pesquisa significa instantaneamente uma alternativa para diversificar as aulas, mas, além disso, segundo o declarado, estes estudantes reconhecem a atividade de pesquisa como fonte de aprendizado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho investigativo constatou-se que os estudantes indagados consideram que a prática da pesquisa proporciona aprendizado e também a veem como uma alternativa para diversificar as aulas expositivas. Porém, estes estudantes parecem restringir o ato de realizar pesquisas a uma atividade puramente escolar e indicaram que nem sempre conseguem aplicar em seu cotidiano o que foi aprendido nas pesquisas. Isto demonstra que, possivelmente, os objetivos e a finalidade de se fazer pesquisa não sejam bem trabalhados em sala de aula, tornando-se necessário atentar para tal prática. Notou-se predominância de sentimentos positivos tanto no início quanto no final do processo de busca de informações, o que pode significar que a prática da pesquisa parece ser algo prazeroso para

os jovens.

As fases de exploração da informação e definição do foco mostraram-se pouco exploradas no processo de busca da informação, onde se constatou que os adolescentes inquiridos desperdiçam os momentos de reflexão sobre o assunto e escolha de um foco específico para guiar sua posterior busca por informações proporcionados nestes estágios. Assim, têm-se como principal consequência despreparo e desconhecimento sobre o que se está pesquisando. Esse fato resulta em pesquisas fora de foco, que não abordam adequadamente a temática indicada ou que não possuem um aprofundamento intelectual.

Para os adolescentes entrevistados o momento que mostrou maior destaque foi o da coleta de informações, onde se notou que a Internet é utilizada pela maioria dos entrevistados como única fonte, contudo não se percebeu que a análise das fontes obedecam algum tipo de critério. Também ficou evidente que os jovens não se sentem estimulados a expor suas opiniões nos trabalhos escolares, situação que dificulta a geração de conhecimento para o aluno.

Considera-se que esta pesquisa atingiu seu objetivo principal de verificar como os adolescentes do grupo investigado, os quais se encontram em situação de baixa renda efetuam suas buscas informacionais, seja para pesquisas escolares ou necessidades cotidianas de informação. A Teoria ISP também se mostrou eficiente para realizar a análise das questões, no entanto, sabe-se que este modelo foi baseado nos moldes de educação americana, dessa forma, peculiaridades da realidade educacional brasileira não são abordadas. Assim, salienta-se a necessidade de se aprofundar estudos sobre métodos de análise de busca de informações que considerem o funcionamento educacional brasileiro.

Quanto aos métodos empregados, consideramos que para um estudo mais aprofundado da questão torna-se necessária a adoção de outros métodos concomitantes. Constatamos que há a necessidade de se dar continuidade ao estudo de maneira mais ampla, utilizando outras abordagens como, por exemplo: entrevistas com os jovens, professores, direção da escola e pais/responsáveis; observação da metodologia adotada em sala de aula e como a atividade de pesquisa é transmitida pelo professor, recursos oferecidos pela escola e alternativas de acesso a informação disponíveis no bairro onde reside o adolescente.

Os resultados obtidos nos permitem concluir que se deve explorar no adolescente esta visão positiva que ele possui sobre o ato de pesquisar e que o desenvolvimento de capacidades

que tornem o jovem competente informacionalmente deve nortear todo o processo de ensino-aprendizagem, não somente objetivando a realização de tarefas escolares, mas, principalmente, conscientizando os jovens de que ser competente informacionalmente é uma habilidade indispensável nos dias atuais.

THE SEARCH FOR INFORMATION FOR LOW-INCOME ADOLESCENTS: A STUDY FROM THE PERSPECTIVE OF INFORMATION LITERACY

ABSTRACT

Several changes occurred in society have created new information needs to be met. In this context, emerged the Information Literacy movement that has as its central concern the development of skills related to the interaction of individuals with permanent information. This study is a qualitative aims to ascertain general, using the approach of information literacy, like adolescents who find themselves in a situation of low income informational perform their searches, whether for research or educational needs of everyday information. Data collection took place by means of a questionnaire consisting of ten questions applied to the nine students of the Center for Coexistence Children of the Sea (Centro de Convívio Meninos do Mar - CCMAR). For data analysis we used the Theory of the Information Search Process (ISP) by Carol Kuhlthau. It was found as the main result of the predominance of positive feelings in the beginning of the process of information search and in the end. It was observed that students regard the practice of learning research provides, however indicated that they can not always apply in their daily what has been learned. It was found that the Internet is used by most respondents as the sole source for consultation later that adolescents have not been shown to follow some criteria for the analysis of the sources. In fact, it became clear that young people do not have clarity about what is search and did not feel encouraged to express their opinions on school work. Results indicate the need to develop capabilities that make the young informationally competent.

Keywords: Information literacy. Theory ISP. Adolescents.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 130-141, set./dez. 2009.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Formação contínua de professores do ensino fundamental sob a ótica do desenvolvimento da information literacy, competência indispensável ao acesso à informação e geração do conhecimento. *Transinformação*, Campinas, v. 16, n. 1, jan./abr. 2004a.

_____.; KOBAYASHI, Maria do Carmo Monteiro; FERES, Glória Georges. Information Literacy: um indicador de competência para a formação permanente de professores na sociedade do conhecimento. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 6, n. 1, dez. 2004b.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O uso de mapas conceituais e mentais como tecnologia de apoio à gestão da informação e da comunicação: uma área interdisciplinar da competência em informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*: Nova Série, São Paulo, v. 2, n. 2, dez. 2006.

CAMPELLO, Bernadete *et al.* *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CAMPELLO, Bernadete; ABREU, Vera Lúcia F. Gonçalves. Competência informacional e formação do bibliotecário. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, pág. 178-193, jul./dez. 2005.

CAMPELLO, Bernadete. A escolarização da competência informacional. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*: Nova Série, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 63-77, dez. 2006.

_____. *Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009a.

_____. *Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico*. 209 f. 2009. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009b.

_____. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003.

COMPETÊNCIA Informacional para bibliotecários. Atualizado em maio 2010. Apresenta artigos, entrevistas, vídeos, trabalhos científicos e notícias sobre competência informacional, information literacy e letramento informacional. Disponível em: <<http://competencia-informacional.blogspot.com/>>. Acesso em: 21 nov. 2010.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 1, pág. 23-35, jan./abr. 2003.

_____. *A Information literacy e a função educacional das bibliotecas*. 2001. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Os faróis da sociedade da Informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 41-53, maio/ago. 2008.

FIALHO, Janaína Ferreira; ANDRADE, Maria Eugênia Albino. Comportamento informacional de crianças e adolescentes: uma revisão de literatura. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n.1, p. 20-34, jan./abr. 2007.

FIALHO, Janaína. *A cultura informacional e a formação do jovem pesquisador brasileiro*. 2009. 207 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

_____. *A formação do pesquisador juvenil : um estudo sob o enfoque da competência informacional*. 2004. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Atlas, 2008.

IBGE. *Síntese de indicadores sociais*. 2004. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/13042004sintese2003html.shtm>>. Acesso em: 23 nov. 2010.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. *Declaração de Alexandria sobre competência Informacional e aprendizado ao longo da vida*. 2005. Disponível em: <<http://www.ifla.org/III/wsis/BeaconInfSoc-pt.html>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

KUHLTHAU, Carol Collier. *Information Search Process*. Disponível em: <http://comminfo.rutgers.edu/~kuhlthau/information_search_process.htm>. Acesso em: 24 nov. 2010.

LINS, Greyciane Souza. *Inclusão do tema competência informacional, e os aspectos tecnológicos relacionados, nos currículos de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

NASCIMENTO, Leandro dos Santos; BERAQUET, Vera Sílvia Marão. A competência informacional e graduação em Biblioteconomia PUC-Campinas: uma análise de 2008. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, pág. 2-19, set./dez. 2009.

SANTROCK, John W. *Adolescência*. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. Museus e centros da FURG. CCMar. Disponível em: <<http://www.museu.furg.br/ccmar.html>>. Acesso em: 23 nov. 2010.

VITORINO, Elizete; PIANTOLA, Daniela. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n.3, p. 130-141, set./dez. 2009.

VITORINO, Elizete. Competência Informacional do profissional da informação bibliotecário : construção social da realidade. *Encontros Bibli*, Florianópolis, n. 24, p. 59-71, 2. sem. 2007.

APÊNDICE A – Questionário

O questionário a seguir faz parte de um trabalho de conclusão do curso de Biblioteconomia da FURG, e possui como objetivo analisar a competência informacional de adolescentes.

Não é necessário se identificar. Solicitamos tua sinceridade ao responder as perguntas.

Obrigada.

Idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

1- O que é fazer pesquisa?

2- Quais são os passos que percorres desde o momento em que a pesquisa é solicitada pelo professor até o momento da entrega do trabalho?

3- Em geral, como te sentes quando tem uma pesquisa escolar para fazer?

() Animado () Confuso () Seguro () Aborrecido () Ansioso
() Inseguro () Otimista () Com dúvidas () Satisfeito () Outro: _____

4- Quando fazes uma pesquisa, colocas a tua opinião no trabalho? (Por exemplo: facilidades ou dificuldades encontradas ou se entendeu o assunto).

() Sempre () Às vezes () Nunca

Por quê? _____

5- Aplicas na tua vida alguma coisa aprendida nas pesquisas que fazes para a escola?

() Sempre () Às vezes () Nunca

Por quê? _____

6- Em geral, como te sentes quando terminas uma pesquisa escolar?

() Animado () Confuso () Seguro () Aborrecido () Ansioso
() Inseguro () Otimista () Com dúvidas () Satisfeito () Outro: _____

7- Achas importante fazer pesquisas escolares? () Sim () Não

Por quê? _____

8- Quais dos seguintes depoimentos consideras verdadeiro?

() *“Fazer sexo sem camisinha não tem problema. Todo mundo sabe que é muito raro pegar alguma doença, e que doenças do tipo Aids não matam. Hoje em dia tem remédio pra tudo e a Aids pode sim ser curada”*

(EDUARDO, 48 ANOS, AUTÔNOMO)

() *“A utilização de preservativo (camisinhas) durante o ato sexual previne além de uma gravidez indesejada, também doenças sexualmente transmissíveis como a Aids. A Aids tem feito milhares de vítimas nos últimos anos e atualmente ainda não foi encontrada nenhuma forma de cura”.*

(LUIZ CARLOS, 35 ANOS, MÉDICO)

Por quê? _____

9- Caso você tenha que fazer a sua carteira profissional, onde você buscaria informações para isto? Por quê? _____

10- Você está procurando informações sobre drogas e encontra uma reportagem na Internet que diz que o crack não vicia. O que você faz?

- se parecer convincente, acredita no que diz a reportagem
- fica em dúvida e continua pesquisando pra ver se em mais algum lugar encontra a mesma informação
- não acredita pois já ouviu especialistas no assunto dizendo o contrário
- outro: _____